

ARIMATEIA BAPTISTA | EDIÇÕES NOVEMBRO

PRESIDENTE PORTUGUÊS VISITA HUÍLA E BENGUELA

Lubango aguarda expectante visita de Marcelo



Estanislau Costa | Lubango

Horácio Reis é uma voz de referência no mundo empresarial, além de radialista de renome. Nascido em Portugal, fixou morada no Lubango, província da Huíla, há mais de 40 anos. “Os angolanos e portugueses estão condenados a conviver juntos por vários factores históricos e conjunturais”, disse.

Hoje, na qualidade de luso-angolano, considera a visita do Chefe de Estado português, ao Lubango, uma oportunidade para manifestar a inquietação das comunidades portuguesas, mas também dos angolanos que se deslocam com frequência à Lisboa para vários fins.

A abertura de um Consulado no Lubango seria, no seu entender, uma mais-valia para as comunidades portuguesas que residem nas províncias da Huíla, Namibe, Benguela e Cuando Cubango por reduzir os custos de deslocação, hospedagem e outros encargos.

Horácio Reis lamenta os serviços prestados no Consulado de Benguela, principalmente as enchentes que se verificam todos os dias e pede, em nome dos demais compatriotas, que se criem condições para minimizar o sofrimento. Dados do Serviço



Horácio Reis fixou residência no Lubango há mais de 40 anos

de Emigração e Estrangeiros (SME) atestam que vivem na Huíla 565 cidadãos portugueses. A maioria reside na cidade do Lubango.

Álvaro Ferdineles, um dos maiores comerciantes de produtos frescos do Mercado Municipal do Lubango, apesar de corroborar com as opiniões de Horácio Reis, defende que os dois Estados têm muito a dar na formação técnico-profissional, matéria-prima, tecnologia de vários ramos, entre outros.

“O desenvolvimento não se faz só com quadros uni-

versitários, mas com todos aqueles que são capazes de transformar a teoria à prática para a resolução dos problemas da população e garantir uma vida condigna onde são fundamentais a saúde, educação, habitação, energia e água”, afirmou.

Horácio Reis e Álvaro Ferdineles reconhecem o contributo da força de trabalho portuguesa com realce nas áreas de construção civil, educação, saúde, e agricultura para a solução dos problemas da população huilana. “Lubango, por exemplo, está

a mudar de imagem face ao árduo trabalho de nacionais e expatriados”.

Argumentam que a união dos dois povos em várias acções em curso na região sul, repercutem-se no fomento do progresso e troca de experiências capazes de promover o auto-emprego. “A seca está a tirar o sossego a várias famílias agricultoras e criadoras de gado na Huíla, Namibe, Cunene e Cuando Cubango”.

Álvaro Ferdineles lembra que na época colonial havia vários projectos na bacia do rio Cunene que partia do Gove até à foz. “Estavam previstos a construção de várias barragens de retenção e canais de distribuição de água para as zonas mais críticas com terras férteis e animais em abundância”, disse.

Apoio para contornar a seca

Uma das grandes preocupações da região Sul, a seca, pode ter solução com a vinda de Marcelo Rebelo de Sousa. Horácio Reis lembra que a província da Huíla tinha um projecto deixado por engenheiros portugueses nas Obras Públicas, mas com o conflito, os documentos desapareceram. “Urge pressionar o Presidente Marcelo para que seja possível fornecer uma cópia de modo a reaver as bases para solucionar a questão da seca”, disse.

Aula magna

Gabriel Bunga

As relações entre Angola e Portugal vão dominar o encontro que o Presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, vai manter com os académicos angolanos na Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto, durante a visita de Estado a Angola.

O vice-decano para os assuntos científicos da Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto, Evaristo Solano, disse que o encontro vai decorrer depois da visita de Rebelo de Sousa à área científica da Faculdade de Direito. A Faculdade de Direito propôs ao Presidente da República de Portugal três temas, sendo que as relações entre Angola e Portugal vão estar no centro da conversa.

O professor e vice-decano para os Assuntos Científicos da Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto disse que a expectativa sobre a visita do Presidente Rebelo de Sousa a Angola é grande e recorda que Rebelo de Sousa sempre considerase um “filho” da Faculdade de Direito.

Enquanto académico, Marcelo Rebelo de Sousa impulsionou a criação de cursos de Mestrado e Doutoramento na Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto. Em momentos muito difíceis do país, refere, participou na formação de vários quadros, que hoje desempenham várias funções nas instituições públicas e privadas do país.

“Hoje temos um número muito elevado de mestres e há um número de inscritos no curso de Doutoramento, devo dizer que o Professor Marcelo Rebelo de Sousa tem impressão digital nestes programas”, disse.

O vice-decano para os Assuntos Científicos da Faculdade de Direito da UAN disse que os candidatos ao mestrado dos primeiros cinco programas de formação tiveram o privi-

légio de receber formação do Professor Marcelo Ribeiro de Sousa, no programa do Direito Público.

Entre os quadros formados com a participação de Rebelo de Sousa consta nomes como o ministro da Administração do Território e Reforma do Estado, Adão de Almeida, o Professor Marques de Oliveira, que beneficiaram da orientação das suas teses nos níveis de Mestrado e Doutoramento, respectivamente, pelo Marcelo Ribeiro de Sousa.

Beneficiaram da formação de Marcelo de Sousa quadros como Marcy Lopes, secretário do Presidente da República para Assuntos Constitucionais, António Paulo (antigo secretário de Estado), Cremildo Paca e João Damião, docentes da Faculdade de Direito.

“São fazedores de opinião no que diz respeito ao Direito Público, graças ao Professor Marcelo Ribeiro de Sousa e, para nós, é uma grande expectativa, vê-lo de regresso nas vestes de Presidente da República”, disse.

Fortalecer as relações académicas

Evaristo Solano disse que é preciso fortalecer a relação académica entre os dois países e nos dois sentidos, não apenas de professores portugueses a ministrar aulas em Angola, mas também de angolanos nas instituições académicas portuguesas. O vice-decano para os assuntos científicos afirma que já existem, ainda que poucos, alguns professores angolanos a ministrarem aulas nas universidades portuguesas, Carlos Feijó e José Octávio Van-Dúnem. “É desta relação recíproca que falo”, disse.

O académico recorda as palavras de Rebelo de Sousa na última visita àquela unidade orgânica, em 2017, quando deixou claro que aceitaria o convite para participar nas sessões de provas públicas dos candidatos a Mestrados e Doutoramento.

DOMINGOS CADÉNCIA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Evaristo Solano, da Faculdade de Direito da UAN

CONTEIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Histórias de pessoas que ajudam no desenvolvimento de Angola



Restauração é dos sectores no qual empresários portugueses mais apostam e recolhem dividendos

César André

Nascido no Concelho de Guimarães, norte de Lisboa, há 69 anos, Santos Melhor desembarcou no Porto de Luanda em Dezembro de 1963. Hoje é uma figura incontornável no antigo bairro da Vila Alice.

Logo após a sua chegada a Luanda, Santos Melhor ainda passou pela localidade do Nóqui, região que faz fronteira com a República Democrática do Congo (RDC), e por Mbanza Congo (na altura São Salvador do Zaire), onde cumpriu o serviço militar. Entretanto, foi em Luanda onde fixou residência para toda uma vida. Trabalhou num restaurante na Ilha do Cabo como empregado de bar, além do Rangel e São Paulo, onde esteve ligado ao sector do comércio, para ganhar algum sustento para a família.

Hoje, é proprietário do Snack Bar Esquimo, situado na rua Eugénio de Castro, à Vila Alice. O local virou paragem obrigatória de outros compatriotas portugueses, entre jornalistas, médicos ou sociólogos.

Santos Melhor considera Angola a sua segunda pátria, devido à longa vivência.

“Hoje tenho muito orgulho e me considero, também, angolano”, afirma e sublinha: “as minhas amizades são todas angolanas, razão pela qual também me identifico com este país”. E complementa: “Os angolanos têm um comportamento exemplar, nunca tive razões de queixas, sempre tive uma amizade colorida com eles e as minhas maiores e melhores amizades são angolanas”.

Empreendedor e homem de vários ofícios, o comerciante é, também, acarinhado pelos funcionários e clientes. Gaba-se que um

“Funje de bacalhau a Manuel” é o título sugerido na altura por Luís Fernando na sua crónica. Protegida numa moldura de madeira, a publicação ganhou espaço privilegiado na parede da sala VIP, do estabelecimento que é já uma referência em Luanda, que chega a receber até 200 pessoas por dia

dos seus clientes, o jornalista Luís Fernando, publicou, há cerca de dois anos, um artigo no jornal O País, onde destaca as qualidades deste empreendedor luso, o atendimento da casa e os pratos ali confeccionados.

“Funje de bacalhau a Manuel” é o título sugerido na altura por Luís Fernando na sua crónica. Protegida numa moldura de madeira, a publicação ganhou espaço privilegiado na parede da sala VIP, do estabelecimento que é já uma referência em Luanda, que chega a receber até 200 pessoas por dia.

Com esperança no futuro de Angola, Santos Melhor dá por acertada a aposta que fez há 44 anos, quando adquiriu a esplanada de um compatriota português que decidiu abandonar Luanda no eclodir da guerra civil, em 1975.

Mais de 300 portugueses À semelhança de Santos Melhor, outros compatriotas lusos vivem há décadas em Angola e dão o seu contributo para o desenvolvimento do país. Além de fazer riqueza, facilitam a integração e garantem emprego para angolanos e portugueses.



Santos Melhor, um português em Angola desde 1963

Marcos António nasceu no Concelho de Oeiras, Portugal, há 50 anos, reside em Angola há dez anos. É sócio de uma empresa de construção civil. Afirma que Angola tornou-se, ao longo dos anos, uma porta de entrada para os portugueses que pretendem trabalhar e fazer negócios.

“A nossa presença em Angola, além de criar mais postos de trabalho, tem como finalidade alavancar a economia do país”, afirma, ao mesmo tempo que sublinha: “muitos compatriotas estão ansiosos e disponíveis em trabalhar em Angola, porque têm boas referências deste magnífico país”.

Marcos António realça os encantos de Luanda, mas sublinha que não é fácil trabalhar. “A vida aqui é dura, trabalha-se muito

e, diariamente, existem muitos problemas logísticos e não só, para resolver, além da falta de água e luz que, por vezes, é constante”. Entretanto, afirma que já se acostumou a viver em Luanda, ainda que o trânsito seja caótico e a periferia, em alguns casos, perigosa no que toca aos assaltos.

Crescêncio Valdez chegou em Setembro de 2010 e está ligado a uma empresa de Tecnologias de Informação. “Com a experiência que tenho nesse ramo de tecnologias vou passando o meu saber aos meus irmãos”, afirma, ao mesmo tempo que garante que Angola é um país de grandes realizações e que o seu desenvolvimento político, económico e social depende muito do engajamento dos seus filhos e não só.



Empresariado em Benguela ganha impulso com investimento português

Os mais de 200 postos de trabalho criados nos últimos anos, em Benguela, com investimentos das empresas Tendências, Indústrias e Comércio, Ludimat e Oliveira e Ligeiro, expressam o peso dos portugueses no tecido empresarial da região, que continua a piscar o olho aos investidores privados.

“Quando recebi o convite, aceitei por gostar de Angola, por ser um país com muita potencialidade, apesar desta crise que vivemos recentemente”, referiu à reportagem da Angop o cidadão luso Mário Rebelo, de 49 anos de idade, sócio-gerente da empresa Oliveira e Ligeiro (OL), que começou em 2001, fruto de uma parceria entre um sócio português e um angolano.

O foco da mesma é a venda de material escolar e mobiliário de escritório tanto em Benguela, quanto nas províncias circunvizinhas do Cuanza-Sul, Huambo, Bié e Huíla. Hoje, Mário Rebelo, a viver em Angola desde 2005, diz-se orgulhoso do crescimento do projecto, que tem quatro lojas (duas delas no Lobito), um armazém de distribuição e outro de retém. Além de papelaria, a firma também tem, na Canjala, uma fazenda de mil hectares, dos quais 20 dedicados ao cultivo da banana, e virou-se ao ramo da manutenção de viaturas, como conta, em declarações à Angop, Mário Rebelo, natural de São João da Madeira, cidade industrializada a 30 quilómetros do Porto e tida como a “capital” do calçado em Portugal.

O empresário garante que, ao longo destes 14 anos, a empresa sempre primou por reinvestir todos os lucros em Angola, começando por melhorar as instalações das lojas, bem como a apostar na agropecuária na Canjala, onde tem mais de 100 cabeças de gado bovino, e no ramo automóvel. Ao todo, foram criados cerca de 100 empregos.

O também director-executivo da Oliveira e Ligeiro afirmou que a empresa tinha facturado, em 2013, um montante na ordem dos 12 milhões e meio de dólares norte-americanos, valores que em 2018 baixaram para dois milhões e 200 mil dólares, devido às condicionantes da crise económica.

Os objectivos para este ano passam por regularizar os atrasados com os fornecedores e também começar a recuperar a capacidade de stock que a empresa já tinha e permitia fornecer

qualquer revendedor em 24 horas, em qualquer quantidade. Exemplificou com o concurso ganho para fornecer material ao CFB (Caminho de Ferro de Benguela) no sentido de mobilizar as estações e apeadeiros do Lobito ao Luau. E Mário Rebelo lembra que a empresa tinha em armazém todo o material necessário para fazer o apetrechamento, quando foi adjudicado.

Porém, não esconde o seu optimismo porque “já se começa a conseguir divisas para contentores novos e para amortizar os antigos”, apesar dos prejuízos cambiais na empresa, que, segundo a fonte, se situaram em cerca de 70 milhões de kwanzas, em 2018, face à desvalorização da moeda nacional.

Mercado apetecível

O cidadão português Eduardo Seabra, de 40 anos e sua família, originária da zona da Bairrada, na freguesia do Distrito de Aveiro, também não resistiram à apetência pelo mercado angolano e expandiram a empresa Ludimat, presente há mais de 40 anos no sector de materiais de construção e artigos de lar, com a “Casa Ezequiel”, no Norte de Portugal.

E tudo começou em 2008, com a abertura no centro da cidade de Benguela da primeira das actuais duas lojas daquela firma portuguesa, num investimento privado que rondava, na altura, os 100 mil dólares norte-americanos. A isto soma-se um armazém no vale do Cavaco.

Eduardo Seabra era dono de um bar em Coimbra, antes de deixar Portugal e rumar para Angola, onde hoje, passados 10 anos, é o director comercial da Ludimat e olha na expansão dos negócios para o mercado angolano como uma estratégia para consolidar a presença da empresa de matriz portuguesa, através de artigos de qualidade.

De igual modo, estima que, de 2008 até hoje, o investimento da empresa já é superior aos dois milhões de euros, o que resulta da visão de reinvestir os dividendos no próprio mercado angolano e assim ir melhorando cada vez mais. Hoje, são 40 postos de trabalho directos.

Até 2016, a Ludimat teve anos de crescimento. Contudo, Seabra assume que 2017 e 2018 foram dois anos difíceis, por impossibilidade de efectuar os pagamentos aos fornecedores de material no exterior do país.

JOSÉ HONÓRIO | PORTAL DE ANGOLA



Investidor apostou em mobiliários e o negócio vai bem